

MOVIMENTOS CONTRACULTURAIS: MITOS DE UMA REVOLTA, POETAS DE UMA REVOLUÇÃO

Gisele Silva Santos¹

Santos, G. S. Movimentos Contraculturais: Mitos de uma Revolta, Poetas de uma Revolução. *Akrópolis*, 13(1): 63-65, 2005

RESUMO: As manifestações jovens que marcaram a segunda metade do século XX, não só anunciavam o surgimento de uma cultura própria da juventude, como marcaram época na história mundial, enquanto agentes contestadores da ordem vigente. Esses movimentos jovens, reconhecidos como contracultura, deixaram, juntamente com seus ícones e estilo de vida alternativo, críticas contundentes à sociedade contemporânea tecnocrata e seu consumo indiscriminado dos bens oferecidos pela indústria cultural.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; década de 60; movimentos contraculturais

ANTI-CULTURAL MOVEMENTS: MYTHS OF A REVOLT, POETS OF A REVOLUTION

Santos, G. S. Anti-cultural Movements: Myths of a Revolt, Poets of a Revolution. *Akrópolis*, 13(1): 63-65, 2005

ABSTRACT: The young demonstrations that marked the second half of the 20th century announced the appearance of a proper culture for the youth and were also a mark for the worldwide history, while contestant agents of the current order. These young movements recognized as anti-cultural together with their icons and life style left critics to the contemporary technocratic society offered by the cultural industry.

KEY WORDS: youth; 1960s; anti-cultural movements

Apesar de décadas já terem se passado, encontramos diversas semelhanças na estrutura sócio-cultural de nossa sociedade como aquela da década de 60, contestada pelos movimentos contraculturais. A força tecnológica que ainda direciona os caminhos políticos e econômicos de nossa sociedade, o consumo desenfreado e incentivado pelos meios de comunicação de massa e nenhuma forma de contestação, exemplificam tais semelhanças que, por sua vez, vão ao encontro aos mitos e ídolos dos movimentos jovens da década de 60, mantidos como símbolos de revolução até os dias de hoje.

Uma vez analisadas as tendências da sociedade contemporânea, que demonstram a cada sinal de progresso, a falta de agentes de transformação social, este estudo tem como perspectiva analisar a natureza desses movimentos que marcaram a segunda metade do século XX e assim, desvendar, em meio às características culturais de nossa sociedade, o legado deixado pelos ideais revolucionários e sua real eficiência enquanto manifestações contraculturais.

Para alcançar tais objetivos, torna-se necessário tratar das grandes transformações sociais e econômicas vividas pelos homens nas décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial, através da criação do Estado do Bem Estar Social nos países de capitalismo avançado, como um conjunto de manobras políticas resultantes dos combates travados entre Estados Unidos e União Soviética, durante a Guerra Fria. Essas transformações não significaram apenas um desenvolvimento econômico, mas também significativas mudanças de hábitos e comportamento por parte das camadas

jovens da sociedade americana, que tomados pelo ímpeto de contestar a ordem vigente, organizaram movimentos que acabaram por culminar em manifestações radicais que contagiaram vários setores sociais.

Para compreender os ideais que sustentaram os movimentos culturais jovens, que vão se expandir por todo o mundo capitalista na década de 60, este estudo buscou analisar a teoria desenvolvida pelo filósofo Herbert Marcuse em duas de suas principais obras: *Eros e Civilização* e *A Ideologia da Sociedade Industrial*. A análise que se pretende estabelecer é a análise no sentido de relacionar as fortes influências filosóficas e ideológicas da Escola de Frankfurt e do Marxismo na teoria desenvolvida por Marcuse. No período em que esteve exilado nos Estados Unidos como professor universitário, Marcuse observou uma ausência de agentes de transformação social na sociedade norte americana tecnologicamente desenvolvida, o que demonstrava o grau de alienação social; e para melhor compreender as minúcias dessa sociedade coagida sobre um desenrolar político-histórico e por artifícios psico-sociais é que Marcuse vai analisar o pensamento de Freud que se aplica justamente nas características opressoras e acima de tudo conservadoras de tal sociedade.

Para o autor, esses movimentos de revolução, que apresentam como características principais o ímpeto de transformara sociedade; nada mais são de que tentativas frustradas que alcançarão o mesmo fim dos movimentos proletários do século XIX: primeiro, contaminaram o mundo e depois acabaram vencidos pela unanimidade e hegemonia

¹ Especialista em História Contemporânea pela Universidade Paranaense – UNIPAR – Campus Umuarama. E-mail: gsl_santos@yahoo.com.br - fone: (44) 622-3152 – Rua Marialva, 4848 – Centro – 87502-100 – Umuarama – PR.

capitalista. tudo aquilo que compõe a característica cultural da sociedade, nada mais são do que tentativas frustradas que alcançarão o mesmo fim dos movimentos proletários que contaminaram parte do mundo após a Revolução Industrial e acabaram vencidos pela unanimidade e hegemonia capitalista.

Desta maneira, a dialética marxista encontra na sociedade industrial contemporânea a ausência dos importantes sujeitos históricos responsáveis pela revolução, uma vez que esta sociedade apresenta-se envolvida diante das benesses oferecidas por um Estado de Bem-Estar Social e sua democracia que, segundo Marcuse, criam a falsa idéia de que nada falta ao homem contemporâneo que possui um emprego, dinheiro para as necessidades imediatas, para bens de consumo duráveis e não duráveis e ainda pode escolher seus futuros “representantes”, criando a sensação de autonomia e liberdade. É nessa nova sociedade, de indivíduos reprimidos e submissos a uma cultura massificada, em que prevalece a ilusão de progresso e liberdade, que vai trazer à tona protestos contra própria pátria e seus falsos pais, falsos professores e falsos heróis; movimentos esses que serão minados pela sua imaturidade, apolitização e “sugados” pelos meios de comunicação de massa, comprovando a afirmação de Marcuse que “... *nem a mecanização e padronização da vida, nem o empobrecimento mental, nem a crescente destrutividade do atual progresso, fornecem bases suficientes para por em dúvida o “princípio” que tem governado o progresso da civilização ocidental*” (Marcuse,1972. p.27)

Para Marcuse o ser humano se apresenta de maneira organizada, na medida em que se esforça para obter o que é útil e não oferece prejuízo para si e para o meio vital, desenvolvendo, conseqüentemente, a função da razão e as faculdades da atenção, memória e discernimento. Contudo, tanto os seus desejos como a sua alteração da realidade deixam de pertencer ao próprio sujeito, passaram a ser “organizados” pela sua sociedade, resultando, segundo Marcuse, no grande acontecimento traumático do homem.

A saída apontada por Herbert Marcuse para a presente condição social é o mecanismo de manifestações e revolução social presenciados pelos homens no decorrer da história em que os oprimidos buscam vencer as instituições opressoras; porém, para ele, a dominação e o controle chegam a tal ponto que uma revolução serviria para substituir um grupo dominante por outro, ou, até mesmo, para estabelecer um novo e melhor sistema de dominação; pois como demarca a hipótese de Freud sobre a origem e a perpetuação do sentimento de culpa, que em termos psicológicos, explica a identificação dos que se revoltam com o poder contra o qual se revoltam “... *A hipótese de Freud sobre a origem e a perpetuação do sentimento de culpa elucidada em termos psicológicos, essa dinâmica sociológica: explica a “identificação” dos que se revoltam com o poder.*” (Marcuse.1972. p. 93). Portanto, um elemento de auto-derrota parece estar em jogo nessa dinâmica, criando a sensação de que todas as revoluções foram traídas.

As grandes tecnologias desenvolvidas pelo homem no desenrolar do século XX atuam como importante força responsável por poupar tempo e emancipar o indivíduo das restrições e limitações impostas pelo trabalho; porém Marcuse apresenta essas implicações como as grandes responsáveis pela alienação do homem e da sociedade que em troca dos

artigos que facilitam e enriquecem a vida, vendem não só o seu trabalho mas também o seu tempo livre.

Não é estranho que a contracultura tenha surgido no seio da sociedade norte americana, pois é justamente aí que a tecnocracia- sociedade, gerenciada por especialistas técnicos e seus modelos científicos – atingiu o auge de seu desenvolvimento, obrigando o jovem a adaptar-se rapidamente a uma realidade mecânica, árida e desprovida de qualquer impulso criativo. Com isso, a contracultura se tornou a forma de expressão mais importante dessa parcela de jovens que procuravam “cair fora”- drop out – dos padrões estabelecidos por essa sociedade, para construir um mundo alternativo com uma “cultura” própria.

Portanto, tendo como ponto de partida a sociedade norte-americana, a intenção fundamental dos movimentos de contracultura foi contestar a visão de mundo racional e bitolante que prevalecia na sociedade ocidental contemporânea.

Em maio de 1968, a contestação dos movimentos de contracultura acendeu a chama da rebelião estudantil. Tendo como epicentro a França, a agitação estudantil espalhou-se por várias universidades e ruas dos centros urbanos do mundo: EUA, Inglaterra, Brasil, Tchecoslováquia, Polônia, China, Japão etc. Em todos esses lugares, os estudantes não pretendiam adaptar a universidade à vida moderna, mas recusavam-se à vida burguesa, medíocre, reprimida, opressiva; eles não se interessavam pela carreira, pelo contrário, desprezavam as carreiras de quadros técnicos que os esperavam, eles não procuravam se integrar o mais rapidamente possível na vida adulta, mas representavam sua contestação de forma radical.

Na realidade, o desejo revolucionário foi muito mais marcante do que uma situação revolucionária concreta. Talvez por isso, o movimento foi mais capaz de contestar do que vencer, de imaginar do que transformar, de se expressar do que se organizar.

Olgária Matos destaca que *...a eclosão internacional dos movimentos de contestação no ano de 1968, que conseguiu o apoio em certos momentos do proletariado, revela que o movimento estudantil é revolucionário por sua teoria, por seus impulsos e pelos fins que se propõe...*(Olgária Matos, 1981, p. 28). A autora destaca ainda, a existência de dois pólos no movimento francês de 68: de um lado os estudantes que contestavam a civilização do bem-estar e do consumo, por serem provenientes da classe média, e de outro os proletários, assalariados, que sonhavam entrar nesta civilização.(Olgária Matos, 1981).

É diante desse universo de muitos sonhos e pouca organização que se observava no decorrer das manifestações a ausência de uma ação verdadeiramente significativa; a classe operária, que levantou palavras de ordem política, logo via-se desacreditada diante dos revolucionários jovens que ignoravam a ação sindical; desta maneira, a insurreição estudantil fez entrar em cena uma massa politicamente desorganizada que viu fragmentar-se, diante de seu libertarismo não engajado, seus principais líderes e componentes.

Autores como Olgária Matos defendem que os movimentos jovens da década de 60, especificamente o Maio Parisiense, mostraram *...que há um momento de “brecha histórica” quando se dissipa a crença na inelutabilidade das*

regras que garantem o funcionamento da sociedade (Olgária Matos, 1981, p. 95). Para esses autores, os movimentos jovens da década de 60, se trataram de verdadeiras revoluções, no sentido que foram capazes de comprovar, através de seus manifestos, que a ordem social vigente se estabelece a partir de uma relação de força e submissão, que resultam na falsa impressão de ordem e desenvolvimento.

Com isto, não se quer dizer que a greve e a ocupação geral das fábricas perturbaram a estrutura da sociedade; mas o fato de que tenham sido possíveis demonstrar a fragilidade do modelo que alguns acreditam invulnerável: bastaram alguns dias para que se desfizesse o mito da racionalidade do sistema presente e da legitimidade dos detentores do poder. (Claude Lefort, 1968)

A partir dessas análises e estudos pude compreender que o ser humano é provido de camadas mentais que o fazem ser um misto de instintos primários, estímulos mediadores e pesados valores culturais que acabam por limitar a busca incessante pela satisfação de nossos prazeres para colocá-los à disposição das regras impostas à sociedade através de agentes opressores. Durante muitos anos, a família foi a primeira encarregada por limitar os instintos primários de seus filhos e levá-los a conhecer as limitações e regras sociais, porém, o que vemos na atual sociedade é a ascensão de novos agentes opressores representados exclusivamente pela tecnologia e toda sua comodidade, que levam toda a sociedade a se submeter diante da sua soberania.

Desta maneira, vivemos em uma sociedade onde o progresso tecnológico, ao mesmo tempo que garante o seu crescimento e desenvolvimento econômico, produz destruição, rendição de pensamentos e preservação da miséria, contribui para a formação de uma sociedade, que segundo Herbert Marcuse, na falta de agentes e veículos de transformação social é levada a tomar como interesses particulares determinações dos meios de comunicação em massa.

É claro que não podemos deixar de destacar o projeto de transformação social que nos anos 60 viram surgir e denominaram de contracultura. A sua importância não se deve apenas ao poder de mobilização, mas principalmente, pela natureza das idéias que colocou em circulação, e pelo espaço de intervenção que possibilitou o exercício mais sistemático de um tipo de crítica social que, até aquele momento, não estava disponível. Medir sua eficácia certamente é uma tarefa difícil, uma vez que se trataram de utopias sociais que em muito divergiram dos projetos tradicionais de transformação social e por isso foram facilmente absorvidos e massificados pela indústria cultural.

Mas o cerne de toda esta questão não está apenas na necessidade de agentes de transformação que, de certa maneira, se trata de uma implicação da dialética marxista, tendência esta seguida por Marcuse; mas sim na alienação da sociedade moderna que não é capaz de reconhecer em sua própria estrutura a repressão que, por sua vez, a torna em uma massa de homens que trabalham, incansavelmente e desnecessariamente, para cada vez mais agregar à sua vida os confortos do progresso, transformando-os no grande símbolo de felicidade; sem sequer perceber a dimensão do processo de submissão a que se encontram incluídos.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Antonio & DURTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**. São Paulo: Moderna, 1990.
- COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- MACIEL, Luís Carlos. **A morte organizada**. São Paulo: Ground, 1978.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- _____. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro. Zahar, 1973.
- _____. **Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MATOS, Olgária C. F. Paris 1968: **As barricadas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PEREIRA, Carlos A.M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- C. Lefort, E. Morin, Jean-Marc Coudray, **Maió de 68: A Brecha**, Ed. Fayard, 1968.

Recebido em: 05/10/04

Received on: 05/10/04

Aceito em: 07/11/04

Accepted on: 07/11/04